

resenha

MELLINO, Miguel. **Post-orientalismo: Said e gli studi postcoloniale**. Roma: Meltemi, 2009. 299p.

Pós-orientalismo aos cuidados de Miguel Mellino

Sandra Dugo*

Tradução do italiano para o português: Tatiana Fonseca Oliveira**



A complexa análise sobre o orientalismo de Edward Said, feita especialmente no seu ensaio *Orientalismo*¹, e os controversos aspectos conjecturais de suas teorias, já evidenciados por alguns intelectuais, nos introduzem numa difícil problemática não facilmente, e nem instantaneamente, assimiláveis.

O universo fantástico do Oriente reporta-nos ao mundo da fábula, dos sonhos, contado, por exemplo, em *As mil e uma noites*. Podemos ainda falar de lugares distantes, de um mundo propriamente inexistente, criado pelas fantasias. De um lugar para onde os intrépidos viajadores ingleses, no final do século XIX, eram atraídos, devido ao fascínio pelo exótico e pelo

desconhecido. Mas, na realidade, se considerado somente sob esse aspecto, o Oriente seria algo de ultrapassado, obsoleto, enquanto que, na realidade, é mais pertinho de nós do que imaginamos, porque mantém viva a sua ubiquidade, como exemplo imediato citamos o sul da Europa, numa região da Espanha meridional: a Andaluzia. Ali, passado e presente se encontram em confronto também nos aspectos dramáticos de um encontro-confronto entre culturas diversas. Neste contexto é natural perguntar-se qual é, por exemplo, o parecer de Said sob o efeito arquitetônico da grande Mesquita muçulmana de Córdoba, que mostra no seu interior a presença muçulmana e os ambientes da catedral católica sem nenhuma interrupção, ou seja, sem nenhum cancelamento de traços. O alternar-se de estilos diversos resultam dramático e impressionante devido ao encontro das diversas culturas: a muçulmana e a católica. Ali, a arte expressa a difícil convivência próprio de um sincretismo religioso e exhibe uma cisão dramática, se concebida também num arco de tempo muitíssimo longo.

Parece-me claro que este exemplo possa representar o ponto fundamental da questão, útil para compreender um dos conceitos chaves do pensamento de Said, ao desenvolver complexas teorias que convergem sobre um único e antigo problema: a difícil convivência entre

¹ Esse texto foi publicado no Brasil, com o título *Orientalismo*: o Oriente como invenção do Ocidente, pela editora Companhia das Letras em 2007.

Oriente e Ocidente. Discutamos o encontro entre os países do leste e do oeste? Ou então da dramática relação imperialista entre os países do hemisfério norte e do hemisfério sul? É natural perguntarmos sobre a exata posição geográfica dos países no panorama internacional ou é lícito concebê-los sobre o mesmo plano? Ou é importante propor um confronto das diversidades culturais entre os países? A digressão conduz evidentemente a uma excessiva catalogação, uma classificação infinita que culmina numa triste degeneração e nos conduz lentamente em direção a uma visão de tal maneira cinza que destrói cada bom senso e a própria capacidade de compreensão da realidade. Neste particular contexto, Said especifica alguns hábitos insensatos e danosos, próprio da classificação excessiva e quase demente, que nos leva para o abisso da inutilidade também no âmbito de importantes disciplinas de estudo como a antropologia, a lingüística e a glotologia.

A então seleção dos ensaios de Edward Said feita por Miguel Mellino que compõe o então livro “*Post-orientalismo: Said e gli studi postcoloniale*”, publicado na Itália no ano passado, propõe, na primeira parte, os seguintes textos: *Teoria in viaggio*, *Altre considerazioni sull’orientalismo* e *Teoria in viaggio: una rilettura*. A segunda parte contém ensaios de reflexão de alguns intelectuais que comentam, especialmente, o ensaio saidiano *Orientalismo*: Gyan Prakash, Aijaz Ahmad, Lata Mani e Ruth Frankenberg.

De acordo com Said o desejo de civilização produz a imposição da própria identidade cultural sobre outras e tal imposição nasce do fanatismo narcisista e da presunção de ser o

melhor, alimentado pela angústia e pelo medo da diversidade, do desconhecido, ou seja, da outra cultura diversa da nossa.

Para o autor palestino, o encontro “e o contraponto” das diversidades devem ser concebidos como um sistema ordenado e harmonioso, multisonoro e multicolor. Na introdução ao livro em questão, escrita por Mellino, conferimos que já em *Cultura e imperialismo*, Said escreve sobre a existência na «música clássica ocidental» de uma polifonia maravilhosa, que nos faz escutar melodias que se contrapõem uma a outra, mas que encontram enfim um acordo mágico, gerando belas harmonias, se compostas ordenadamente. Disso já bem sabia Beethoven, Wagner e Strawinsky, e foram também contestados pelos críticos de seus tempos. O sabe também Said que aplica as suas próprias teorias musicais à esfera social. O contraponto cultural do diverso deve necessariamente compor-se como uma sinfonia harmoniosa, ainda que depois uma convivência dramática. Evidencia ainda Mellino que *Viaggio all’interno dell’intellettuale post-coloniale* pode inclusive representar o início de uma viagem da consciência pela descoberta de nossa identidade cultural, para compreender quanto de híbrido existe em nós; a revelação, para alguns surpreendentes, desvelaria que as origens da nossa cultura ocidental são ligadas a cultura árabe. Este é o *pumtum dolens* da questão e muitos estariam prontos a negar essa ligação categoricamente, reivindicando no lugar da mesma as próprias origens *aristocráticas* e esquecendo, por exemplo, para recordar somente de dois grandiosos intelectuais de cultura árabe, Averróis e Sêneca, nativos e originários da multicultural Córdoba, hoje um

pouco árabe, um pouco muçulmana, um pouco européia e ocidental.

Com o ensaio *Orientalismo* Said atraiu tanto críticas positivas, quanto negativas. Aijaz Ahmad, por exemplo, lamenta-se da falta de maior autoridade do autor palestino ao «falar da história dos árabes e das disciplinas orientalistas», referindo-se a uma crítica já feita por Lewis. Explica também que «a cientificidade» saidiana está comprometida com a causa sionista. Ainda que fundamentadas tais críticas não invalidam a força do pensamento de Said, a sua produção de temáticas novas, sobre as quais é necessário discutir e raciocinar serenamente. É também o próprio Ahmad a afirmar que o forte impacto que teve *Orientalismo* de Said deixou suas marcas, sem sombra de dúvidas, na discussão, por exemplo, sobre cultura de gênero e no que hoje chamados de «desenvolvimento do saber opositivo» e de como a convencional distinção entre Oriente e Ocidente vem sendo utilizada para propor de fato a idéia de que devemos nos defender dos “perigos” provenientes do Oriente.

A identidade cultural é considerada por Said como um condicionamento que impede a convivência cultural, a busca pela mesma constrói um sistema intrincado de condicionamentos, úteis para impedir a comunicação entre culturas diversas. Said peca pelo excessivo juízo severo? Sobre isto é necessário refletir sobre a afirmação de Ahmad «para Said o orientalismo aparece como uma doença do Sujeito». A este propósito creio que exista na base de tudo uma má compreensão das teorias de Said, na medida em que é necessário distinguir bem o que é *identidade cultural sectária e egoísta que ama excessivamente a si mesma e a identidade cultural aberta a outras*

culturas e favoráveis a convivência pacífica. De fato, Said não propõe nunca uma anulação do indivíduo a favor da convivência!

As motivações históricas das relações de forças que permitiram o predomínio do Ocidente sob o Oriente estimulou Said a procurar não reduzir o problema a um fato meramente cultural, explicando as origens históricas da expansão colonial, sempre motivada como um projeto de civilização histórica dos povos, para além do mundo ocidental modernizado. A presunção de corrigir os aspectos deteriorados de uma cultura diversa da nossa representa um erro, e é na realidade um comportamento de fechamento e de incompreensão diante das diferenças culturais. A nossa se transforma assim na negação da cultura, isto é, na negação do saber, do conhecimento: a incultura. Negar a existência de uma esfera do saber para além do nosso universo de percepção da realidade circunstante (cultural) pode gerar graves erros de interpretação.

O belo ensaio, *Teoria in viaggio*, a respeito do passado apresenta um Said observador das transformações e da circulação de idéias, consideradas fundamentais para a vitalidade cultural, porque permitem o crescimento e o progresso cultural dos povos, e somente assim os mantém vivos, produzindo uma série de metamorfoses e de reações químicas. Ele de fato escreve: «o movimento das teorias de um lugar para o outro [...] é um fato inevitável da vida social e um modo de favorecer a atividade intelectual». Assim a energia cultural é transformada em possível e, sobretudo, através da troca contínua de idéias. O movimento da mentalidade de um lugar ao outro pode determinar a aceitação ou provocar a sua recusa. O desenvolvimento e a transformação a

respeito daquilo que era a origem determina uma mudança importante e permite de manter a vida intelectual.

Said não pensa nunca sistematicamente, mas reflete, como um atento intelectual observador, as transformações sociais e suas conseqüentes conexões. Portanto, no seu parecer, o Ocidente tem um problema de consciência de identidade e procura cobrir a angústia de ser absorvido e anulado pelo Oriente através o cancelamento deste, mas, sobretudo culturalmente, porque sente a necessidade de sobreviver aos próprios medos. Não é talvez esta uma condição terrível na qual o medo age sobre os indivíduos apossando-se dele e obrigando-os a viver em um dramático

isolamento? A angústia que deriva disto impede, inclusive, a cada indivíduo de conhecer o outro.

Edward W. Said (1935-2003) – intelectual palestino, notável crítico literário, estudioso atento da questão palestina. Professor de Inglês e de Literatura Comparada na Universidade de Columbia. Foi também professor das Universidades de Harvard, Johns e Yale. Fundou, junto com israelita Daniel Barenboim, a *West-Eastern Divan Orchestra*.

Miguel Mellino – professor de Antropologia Cultural da Universidade de Nápoles “L’Orientale” e também da Escola Superior de Estudos Humanistas da Universidade de Bolonha.

Post-orientalismo a cura di Miguel Mellino

Recensione di Sandra Dugo

La complessità dell'argomento e i presunti aspetti controversi delle teorie di Edward Said in *Orientalismo*, evidenziati da alcuni intellettuali, ci introducono in argomenti che presentano molte difficoltà e che non sono adatti ad una veloce ed immediata comprensione, tanto da suscitare in noi l'esigenza di riflessioni approfondite.

L'universo fantastico dell'Oriente, noto ai più, rinvia al mondo fiabesco, raccontato ne *Le Mille e una notte*, che fa sognare, ma che allo stesso tempo nasconde la percezione di una realtà diversa. Se questa considerazione iniziale risveglia il nostro interesse potremmo continuare ad immaginare luoghi diversi, lontani dall'Europa, verso mondi inesistenti e inventati dalla fantasia, dai quali, a fine dell'Ottocento, i viaggiatori inglesi erano attratti per il fascino dell'esotico che permise loro di costruirsi la fama di uomini intrepidi alla ricerca dell'ignoto. Ma in realtà, se considerato soltanto sotto questo profilo, l'Oriente diventa proprio un termine desueto, mentre è vicino a noi più di quanto immaginiamo, perché mantiene viva la sua presenza ovunque, in particolar modo nel sud Europa, in una regione della Spagna meridionale: l'Andalusia. Qui passato e presente trovano il confronto anche negli aspetti più drammatici di un incontro-scontro tra culture diverse. In questo contesto è naturale chiederci quale è, per esempio, il parere di Said sull'effetto architettonico della grande Moschea musulmana di Cordova, la Mezquita, che mostra al suo interno la presenza

musulmana e gli ambienti della cattedrale cattolica senza alcuna interruzione. L'alternarsi di stili diversi risulta drammatico e impressionante per l'incontro delle diverse culture: la musulmana e la cattolica. Qui l'arte racconta la difficile convivenza di un sincretismo religioso ed esibisce una scissione drammatica, anche se distribuita in un arco di tempo piuttosto lungo.

Mi sembra chiaro che questo esempio può rappresentare il punto fondamentale della questione, utile per comprendere uno dei concetti chiave del pensiero di Said, sviluppando complesse teorie che vertono su un unico problema atavico: la convivenza difficile tra Oriente e Occidente. Parliamo di incontro tra *est* ed *ovest*? Oppure di impatto drammatico tra *nord* e *sud* del mondo? È naturale interrogarci sull'esatta posizione geografica nel panorama internazionale e se sia lecito porli sullo stesso piano o se proporre un confronto tra le loro diversità. La digressione conduce evidentemente ad una eccessiva catalogazione, a un'elencazione infinita che diventa deteriorante e triste, conducendoci lentamente verso una visione talmente grigia da distruggere ogni buon senso e anche la nostra stessa capacità di comprensione della realtà. In questo generale contesto Said individua alcune abitudini malsane e dannose, cadute nella catalogazione eccessiva e quasi demenziale, che trascinano nel baratro dell'inutilità anche importanti discipline

di studio come l'antropologia, le scienze linguistiche e glottologiche.

A tale proposito la raccolta di saggi, curata da Miguel Mellino, propone nella prima parte un interessante percorso nel pensiero dell'intellettuale palestinese, pubblicando i tre saggi di Said *Teoria in viaggio*, *Altre considerazioni sull'orientalismo*, e *Teoria in viaggio: una rilettura* seguiti nella seconda parte, dai saggi di alcuni intellettuali noti nel panorama internazionale: Lata Mani e Ruth Frankenberg, Gyan Prakash e di Aijaz Ahmad. Il punto di partenza è la chiave di volta, rappresentata dalle considerazioni sul saggio *Orientalismo*, che tanto ha fatto discutere, fa riflettere, e per molto ancora sarà oggetto di discussione per il dibattito futuro sulla convivenza e sul sincretismo culturale tra Oriente e Occidente.

Per Said il desiderio di civilizzare produce l'imposizione della propria identità culturale sulle altre nasce dal fanatismo narcisistico e dalla presunzione di essere migliori, alimentato dall'angoscia e dalla paura del diverso, dell'ignoto, ossia di un'altra cultura diversa dalla nostra.

Eppure per Said, l'incontro contrappuntistico delle diversità è proposto come un sistema ordinato e armonioso multisonoro e multicolore. Attraverso il saggio introduttivo di Mellino, leggiamo che, in *Cultura e imperialismo*, Said scrive sull'esistenza nella «musica classica occidentale» di una polifonia meravigliosa che fa ascoltare melodie contrapposte ad altre, ma che trovano infine un accordo magico, componendosi ordinatamente in belle armonie. Lo sa bene Beethoven, Wagner, Strawinsky, eppure anch'essi sono stati contestati dai critici del loro tempo. Lo sa altrettanto bene Said che applica le proprie teorie alla sfera sociale. Il contrappunto di culture

diverse devono pur necessariamente comporsi come in una sinfonia armoniosa dopo una convivenza drammatica. Credo che il «*Voyage in all'interno dell'intellettuale post-coloniale*», evidenziato da Mellino, potrebbe rappresentare l'inizio di un viaggio nella coscienza alla scoperta della nostra identità culturale, per comprendere quanto di ibrido esiste in noi; la rivelazione, per alcuni sorprendente, svelerebbe che le origini della nostra cultura occidentale sono legate alla cultura araba. *Punctus dolens* perché molti sarebbero pronti a negarlo categoricamente, rivendicando altrove le proprie origini *aristocratiche* e dimenticando, ad esempio, per ricordarne solo alcuni, intellettuali come Averroè e Seneca, nativi e originari della multiculturale Cordova, oggi un po' araba, un po' musulmana, un po' europea ed occidentale.

Forse quanto accade è frutto di una mano divina, soprannaturale, oppure il destino non vuole condividere i nostri pregiudizi, e va oltre, verso un cammino della storia affidato agli uomini, quanto diversi e quanto simili tra loro, per usare una metafora gramsciana. Attendiamo allora un futuro diverso dalle previsioni catastrofiche, osservando le trasformazioni dei gruppi sociali e delle loro culture!

A questo proposito, l'introduzione di Mellino propone uno sguardo panoramico sul dibattito culturale seguito alla pubblicazione di *Orientalismo*. Sì perché il saggio pubblicato per la prima volta nel 1978 ha risvegliato un ricco dibattito. Se leggiamo *La sfida di Orientalismo* di Lata Mani e Ruth Frankenberg, un saggio caratterizzato da alcune critiche e da approfondimenti analitici su *Orientalismo*, ne abbiamo la certezza. Anch'essi, alla fine del capitolo

propongono alcune critiche, evidenziando quelli che, a parere loro, sono i limiti del testo di Said, proponendo tuttavia un'inevitabile discussione sull'argomento. Non mancano proposte di lettura interessanti sul dibattito critico in ambito intellettuale anglosassone, e naturalmente l'attenzione verte principalmente sui "Subaltern Studies" e sul tema del "post orientalismo" saidiano.

L'effetto dirompente di *Orientalismo* sugli intellettuali sia a livello positivo che negativo, avviene nel bene e nel male, come Aijaz Ahmad lascia intuire a proposito della contestazione a Said di non avere abbastanza competenza nel «parlare della storia degli arabi e delle discipline orientaliste», riferendosi a una critica di Lewis, in quanto «la scientificità» saidiana sarebbe addirittura «una copertura del suo compromesso con la causa sionista». Ma quanto salvifiche sono le critiche, se riescono a produrre tematiche nuove su cui discutere e ragionare serenamente!

Fanno riflettere anche i tre termini colonialismo, imperialismo, storicismo in quanto sono concetti che aprono varie possibilità di dibattito critico sull'Oriente di ieri e quello di oggi.

Tuttavia *Post orientalismo* fa il punto sul panorama attuale dell'accoglienza del precedente saggio di Said, pubblicato nel 1978, *Orientalismo* appunto, aprendo al lettore un panorama culturale e politico su cui riflettere, in effetti egli offre una lettura di vari autori e di opere del presente e del passato per proporre le proprie tesi; a tal proposito, secondo quanto afferma Ahmad, l'effetto stupefacente di *Orientalismo* verte sulla cultura in genere, producendo oggi «lo sviluppo di saperi oppositivi».

Ahmad sembra però individuare anche alcune contraddizioni nelle teorie di Said, mentre per l'intellettuale palestinese «ogni forma di identità è negativa» perché svolge una funzione distruttiva e annientatrice delle altre identità, e potremmo valutare questa affermazione come una controbattuta alla possibilità di contraddizione nel pensiero saidiano. Inoltre Said sottolinea l'aspetto negativo della "pratica universale" di distinguere il mondo nostro dall'esterno, una realtà, vera negatività rappresentata dalla nostra perché spesso è più comodo trincerarsi dietro una verità-realtà ignorata e rifiutata da noi stessi. Così accade che la distinzione tra Oriente e Occidente viene utilizzata per proporre di fatto l'idea di protezione e difesa dai pericoli provenienti dell'Oriente.

L'identità culturale è considerata da Said come un condizionamento che impedisce la convivenza culturale, e costruendo un sistema intricato di condizionamenti, utili per impedire la comunicazione tra culture diverse. Said pecca forse per l'eccessiva severità di giudizio? Su questo è necessario riflettere sull'affermazione di Ahmad «per Said l'orientalismo appare come una malattia del Soggetto». A questo proposito credo che esista alla base di tutto un fraintendimento e che sia necessaria una distinzione: *l'identità culturale* settaria ed egoistica che ama eccessivamente se stessa e *l'identità culturale* aperta alle altre culture e favorevole alla convivenza pacifica. Infatti Said non propone mai l'annullamento dell'individuo a favore della convivenza!

Le motivazioni storiche dei rapporti di forza che hanno permesso il predominio dell'Occidente sull'Oriente spinge Said a cercare di non ridurre il problema a un fatto meramente culturale, spiegando le

origini storiche dell'espansione coloniale, che spesso viene motivata come un progetto di civilizzazione storica dei popoli al di là del mondo occidentale modernizzato. La presunzione di correggere gli aspetti deteriori di una cultura diversa dalla nostra rappresenta un errore, ed è in realtà un atteggiamento di chiusura e di incomprensione di fronte alle differenze culturali. La nostra diventa così la negazione della cultura, cioè la negazione del sapere della conoscenza: l'incultura. Negare l'esistenza di una sfera del sapere al di là del nostro universo di percezione della realtà circostante (culturale) può generare gravi errori di interpretazione.

Il bel saggio saidiano, *Teoria in viaggio*, pubblicato da Mellino, rispetto al passato presenta un Said osservatore dei cambiamenti e della circolazione delle idee, considerate fondamentali per la vitalità culturale, perché permettono la crescita e il progresso culturale dei popoli, e soltanto così li mantengono vivi, producendo una serie di metamorfosi e di reazioni chimiche. Egli infatti scrive: «il movimento delle teorie da un luogo all'altro [...] è un fatto inevitabile della vita sociale e un modo di favorire l'attività intellettuale».

Dunque l'energia culturale è resa possibile soprattutto attraverso lo scambio continuo di idee. Il movimento delle mentalità da un luogo all'altro può determinare l'accettazione oppure provocarne il rifiuto. Lo sviluppo e la trasformazione rispetto a quello che erano all'origine determina un cambiamento importante e permette di mantenere la vita intellettuale.

Said non pensa mai sistematicamente, ma riflette come un intellettuale osservatore attento alle trasformazioni sociali e alle conseguenze connesse. Pertanto a suo parere, l'Occidente ha un problema di coscienza identitaria e cerca di coprire l'angoscia di essere assorbito ed annullato dall'Oriente attraverso la cancellazione di questo, ma soprattutto dominandolo culturalmente, perché ne sente la necessità per sopravvivere alle proprie paure. Non è forse questa una condizione terribile in cui la paura agisce sugli individui impossessandosi di loro e costringendoli a vivere in un drammatico isolamento? L'angoscia che ne deriva impedisce ad ognuno di conoscere l'altro.

Sandra Dugo



* **SANDRA DUGO** é Doutora em Letras pela Faculdade de Letras e Filosofia da Universidade de Estudos de Roma "Tor Vergata". Pesquisadora da International Gramsci Society (IGS-Italia).

** **TATIANA FONSECA OLIVEIRA** é Doutora em sociologia pelo Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas-SP / Brasil. Atualmente, faz uma pesquisa de pós-doutorado na Faculdade de Letras e Filosofia da Universidade de Estudos de Roma "Tor Vergata".